

IMPLICAÇÕES E DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NOS PROGRAMAS BRASIL ALFABERTIZADO E TOPA

Jaciara de Oliveira Sant'Anna Santos¹
Marcolino Sampaio dos Santos²

RESUMO

O presente artigo é fruto de reflexões sobre o fazer do professor. Sabe-se que atualmente o professor deve buscar uma prática pedagógica reflexiva, para que possa avaliar constantemente suas ações enquanto profissional comprometido com a melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem. O interesse pela temática surgiu a partir das vivências enquanto professores formadores dos Programas de Alfabetização de Jovens e Adultos: Brasil Alfabetizado e Todos pela Alfabetização - TOPA. Assim, a presente pesquisa teve como objetivo conhecer as práticas pedagógicas desenvolvidas por professores alfabetizadores de jovens e adultos nos referidos programas. Na pesquisa privilegiamos a abordagem qualitativa e como procedimentos para produção e coleta de dados utilizamos a pesquisa documental, através da análise dos relatórios de acompanhamento dos alfabetizadores dos registros da prática pedagógica, do questionário e a observação. Os resultados demonstram que é necessário uma organização do trabalho docente na EJA que contemple as especificidades dessa modalidade de ensino e os conhecimentos e os saberes teórico-metodológicos inerentes a ela e que contribua para uma prática pedagógica inovadora e significativa nos espaços da EJA.

Palavras-chave: Alfabetização de Jovens e Adultos, Prática Pedagógica, Brasil Alfabetizado, Programa Todos pela Alfabetização.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é caracterizada como grafocêntrica, visto que, a escrita ocupa lugar privilegiado em nosso contexto social. Nesse sentido, a alfabetização é concebida como um dos pilares culturais, já que, a leitura e a escrita apresentam importância fundamental no desenvolvimento das sociedades industriais e globalizadas (DI PIERRO, GALVÃO, 2007).

Durante momentos distintos na sociedade, a alfabetização assumiu diversos conceitos. Inicialmente, em 1940 era considerada alfabetizada a pessoa que soubesse codificar e

¹Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), UNEB. Docente do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, UNEB, Campus XX, Brumado, Bahia. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Movimentos Sociais, Diversidade e Educação do Campo e Cidade GEPEDMDECC/UESB/BA, com registro no CNPQ. E-mail: jaciasasantanna@yahoo.com.br;

²Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquaraí – UNIVATES. E mail: marcokerigma3@hotmail.com.

decodificar; em 1950, esse conceito assume outro significado, estando relacionado à interpretação do que é escrito e lido. Atualmente, constata-se uma ampliação do significado da alfabetização que contempla a apropriação do sistema de escrita que possui dois aspectos indissociáveis: codificação e produção (escrita) e decodificação e compreensão (leitura) de gêneros textuais diversos (SOARES, 2003, p. 5).

Neste contexto é necessário que o professor desenvolva uma prática pedagógica que possibilite a eficácia de seu fazer educativo, tendo em vista a melhoria do processo de ensino aprendizagem. Contudo, é fundamental que o profissional docente esteja em constante atualização de seus conhecimentos na busca de uma formação contextualizada com o público com o qual se está trabalhando. Além disso, é necessário que o mesmo procure uma prática voltada para a perspectiva ação-reflexão-ação, de modo que possa avaliar constantemente suas ações.

Desta forma, o tema proposto tem a finalidade de contribuir para um repensar do educador que atua nas turmas de alfabetização de jovens e adultos, fazendo-o refletir sobre sua prática. Assim, a pesquisa teve como objetivo conhecer as práticas pedagógicas desenvolvidas por professores alfabetizadores de jovens e adultos nos referidos programas. Metodologicamente o trabalho ancora-se na abordagem qualitativa, utilizando-se como procedimentos para produção e coleta de dados a pesquisa documental, o questionário e a observação. O aporte teórico foi com base nos seguintes estudiosos: Arroyo (2005); Freire (2006, 2016, 2019); Gadotti (2011); Soares (2003,2004).

É importante salientar que o Programa Todos pela Alfabetização, criado pelo Governo da Bahia para trazer dignidade e esperança à vida dos baianos, atua na perspectiva da intervenção sócio educacional. Alinhado à proposta federal, o governo do Estado da Bahia aderiu ao Programa Brasil Alfabetizado em 2007, e designou a Secretaria da Educação do Estado para a sua implantação em território baiano, considerando a demanda, a realidade regional e seguindo os princípios do Projeto Político-Educacional estadual. Assim, a SEC elaborou o Programa Todos pela Alfabetização (TOPA), iniciativa voltada ao desenvolvimento de ações para alfabetização e escolarização na Bahia, orientadas e mantidas por meio do PBA. (BAHIA, 2012a, p. 12). É preciso respeitar o direito à cidadania, ao aprendizado e assegurar uma educação de qualidade. Ressaltamos que na construção do Programa TOPA, alguns elementos foram decisivos: o diálogo, a participação, a mobilização social, a intersetorialidade, o investimento em gestão, informatização e formação, a parceria com as com prefeituras municipais e entidades dos movimentos sociais e sindicais,

universidades públicas e privadas e a convicção de que não alcançaríamos os objetivos a que nos propusemos sem a ação conjunta do governo com a sociedade civil.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada é de cunho qualitativo. Para Ribeiro (2006) esse tipo de pesquisa visa investigar o objeto de estudo de forma subjetiva e compreender o sujeito em sua singularidade em prol de traduzir o resultado. Conforme Ribeiro (2006):

Pesquisar qualitativamente é, antes de qualquer outra definição, respeitar o ser humano em sua diversidade. É entender que há singularidade em cada uma das pessoas envolvidas e que essa singularidade é construída na pluralidade; nas múltiplas etnias, nas pluri-manifestações culturais, corporais, linguísticas. É gostar de ser gente. (RIBEIRO, 2006, p.40).

Para a coleta de dados utilizamos a pesquisa documental, o questionário e a observação. O aporte teórico foi com base nos seguintes estudiosos: Arroyo (2007); Freire (2002, 2016, 2019); Gadotti (2009); Soares (2006). Segundo Gil (2008) a pesquisa documental é muito parecida com a bibliográfica. A diferença está na natureza das fontes, pois esta forma vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa foram (40) quarenta alfabetizadores dos municípios de Andaraí, Tapiramutá, Mairi, Macajuba e Ribeirão do Largo. O critério de escolha foi à formação em Ensino Médio.

A análise documental teve como base a Proposta Curricular para educação de Jovens e Adultos e os relatórios de acompanhamento dos alfabetizadores dos registros da prática pedagógica.

As observações tinham por finalidade conhecer como se davam e como eram desenvolvidos os métodos pedagógicos dos alfabetizadores, a fim de identificar se as práticas atendiam aos objetivos dos programas. Dessa forma, nas observações procuramos compreender as práticas pedagógicas dos alfabetizadores, observando os seguintes critérios: condução das aulas, existência ou não de um planejamento, se levavam em consideração as especificidades do público diferenciado que atendiam e se nas atividades propostas por elas, podia encontrar a infantilização tanto dos conteúdos quanto do tratamento destinado aos alunos.

Quanto ao questionário aplicado aos alfabetizadores continham questões abertas e fechadas, com perguntas estruturadas que permitiram ideias, opiniões, condutas e expressões sobre a realidade vivida.

PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS ALFABETIZADORES: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS

Embora, o processo de alfabetização das turmas da Educação de Jovens e Adultos está ancorado em práticas indispensáveis de leitura e escrita que também são desenvolvidas com as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a EJA ainda se constitui como desafio para os educadores, que compreendem seu papel de mediador do conhecimento, utilizando sua prática pedagógica docente, para uma ação educacional crítica/reflexiva, que estabeleça sentido para o educando, levando-o a superação da alienação, sendo capaz de ser ver como agente transformador da sua realidade.

Neste sentido, a alfabetização deveria ser um instrumento para que os indivíduos analfabetos ganhassem consciência de seus direitos políticos, sociais e econômicos. “A educação é um ato político que pode contribuir para a transformação social e a libertação dos oprimidos” (FREIRE, 2019, p. 39). Foi com essa perspectiva que o educador Paulo Freire acreditava que a alfabetização poderia ser um instrumento para liberar os oprimidos da condição de pobreza e inferioridade que vivia.

Assim, a prática pedagógica do alfabetizador tem um papel fundamental, pois no momento de aceitar o desafio de ensinar jovens e adultos, deve-se ter em mente que essa missão não será realizada apenas por meio de transmissão mecânica de conceitos. Torna-se indispensável ensinar a pensar, ou seja, mostrar como é ser cidadão. Entretanto, a falta de formação para os profissionais dessa modalidade tem contribuído para práticas inadequadas. Para Paulo Freire, o ato de ensinar vai muito além de transmitir ou “depositar” conteúdos no outro, é um ato que permite ao sujeito construir em diálogo com seu professor, conhecimentos significativos que se relacionem com sua vida, que o faça refletir criticamente sua presença no e para o mundo se reconhecendo como um agente transformador. Partindo desse entendimento, a prática pedagógica docente requer uma compreensão por parte do professor, de que o conhecimento numa perspectiva crítica contribui para o processo de conscientização dos estudantes. Freire afirma que “Como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha” (FREIRE, 2016, p.95).

Moura (1999) aponta que no contexto das práticas educativas da EJA, os alfabetizadores utilizam-se de uma verdadeira “salada” teórico-metodológica envolvendo desde o emprego dos métodos tradicionais, perpassando por Freire, e alguns já introduzem elementos abordados por Ferreiro assim como os conhecimentos de Vygotsky. Afirmamos que esses fatores contribuem para a inconsistência recorrente da prática pedagógica dos alfabetizadores da EJA, que diante deste distanciamento e muitas vezes, desconhecimento dos referenciais teóricos, acaba não se apropriando de um referencial teórico norteador, ocasionando muitas vezes, uma prática pedagógica insuficiente para atender as demandas dos educandos.

Dessa forma, o trabalho pedagógico não se propõe a criar e nem produzir uma nova realidade uma vez que a consciência se faz presente de forma debilitada, não havendo espaço para uma análise crítica da prática pedagógica, assim como dos fatores que constituí a educação e sua importância para autonomia dos sujeitos. A prática pedagógica aplicada dessa forma descompromissada e desinteressada acaba por desencadear num processo de alfabetização “pobre” e simplista, “propiciando aos alfabetizandos no máximo a escrita do código alfabético, na maioria das vezes, esquecido ao longo do tempo” (MOURA, 1999, p. 34).

Diante desse cenário é fundamental considerar que os educadores são outros sujeitos da EJA que merecem atenção especial, a fim de que possa contribuir mais no processo de ensino e no combate à evasão. O que chama-nos a atenção ainda, um fator essencial: a formação dos docentes para a modalidade EJA. Faz-se necessário ao profissional que atua ou irá atuar na educação de jovens e adultos, uma formação adequada e continuada. Freire (2006, p.36) “O professor que não leve a sério sua formação, que não estude que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe.” Porém, o professor atuante na EJA, ainda necessita compreender melhor as especificidades desse público, a ser praticada e evidenciada na prática cotidiana. Vale destacar que não só a formação inicial é suficiente para possibilitar uma prática eficiente como professor, ressalta-se a necessidade da complementação, da continuidade na formação que possibilite uma maior participação, propondo novas metodologias, atualizando o professor nas discussões teóricas e contribuindo para as mudanças necessárias voltadas para a melhoria da educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para analisar os dados da pesquisa foram utilizados os relatórios de acompanhamento dos alfabetizadores dos registros da prática pedagógica nos municípios de Andaraí, Tapiramutá, Mairi, Macajuba e Ribeirão do Largo, bem como as observações da prática dos alfabetizadores nas turmas de atuação e as repostas do questionário.

Os resultados obtidos expõem algumas dificuldades e desafios que ainda persistem na educação de jovens e adultos. De acordo com Soares “talvez se possa dizer que, para a prática de alfabetização, tinha-se, anteriormente, um método, e nenhuma teoria; com a mudança de concepção sobre o processo de aprendizagem da língua escrita, passou-se a ter uma teoria, e nenhum método.” (SOARES, 2004, p. 11). Ou seja, para o ensino de língua, o educador deve estar munido de metodologias teórico-práticas que vão de encontro com a realidade do educando, pois o processo de alfabetização se dá respeitando as particularidades de cada indivíduo, como por exemplo, a sua própria fala/oralidade.

Na análise dos questionários constatamos que falta conhecimento dos alfabetizadores quanto ao perfil dos alfabetizandos. Vale ressaltar que o respeito pelo aluno da EJA perpassa pela adequação metodológica e a utilização de materiais adequados à faixa etária, superando a infantilização. Alfabetizar jovens e adultos refere-se a uma atividade pautada nos princípios de qualidade social e política, considerando o contexto de vida dos sujeitos, uma vez que a luta pela superação das dificuldades é constante e reflete o quanto o analfabetismo reafirma a pobreza (Gadotti, 2011). Ainda referente ao questionário verificamos que nem todas as perguntas levantadas puderam ser aqui tratadas, pois além de algumas fugirem do tema, outras os alfabetizadores não responderam por falta de conhecimento.

Para que haja mudanças nesses paradigmas, o professor da EJA precisa buscar metodologias capazes de, não somente adentrar o universo dos educandos, como também de fazê-los compreender que sua busca pelo conhecimento é capaz de superar a condição de oprimido para ser uma presença no mundo que rompe, intervém e transforma (FREIRE, 2019, p.39). Assim, é fundamental que a escolha desses profissionais perpassa por qualificação, formação continuada e acompanhamento sistematizado, pois verificamos que a maioria dos alfabetizadores são jovens com baixa autoestima e dificuldades na expressão oral e na escrita.

Santos e Santos afirma a educação de jovens e adultos deve partir da incorporação da cultura e da realidade vivenciada dos educandos por meio de práticas educativas. Deve levar em conta o saber desses alunos, de forma a valorizar e incorporar a aprendizagem, ao invés de ignorá-los. (SANTOS; SANTOS, 2019, 9.83).

Constatamos nas respostas que embora não possuindo conhecimentos formais, os alfabetizadores buscavam na medida do possível levar em conta as vivências e saberes dos

discentes, mesmo não propondo metodologias adequadas e de acordo com a realidade dos mesmos. Para a maioria dos docentes torna-se necessário valorizar os saberes populares, como também as experiências que esses alunos carregam, para sejam elaboradas propostas sólidas, “propostas mais próximas da especificidade das vivências dos jovens-adultos populares, propostas que veem a EJA como um tempo de direitos de sujeitos específicos e em trajetórias humanas e escolares específicas” (ARROYO, 2005, p. 29)

Ainda na análise do questionário, verificamos que os alfabetizadores não tem conhecimento das Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos, mesmo sendo definida como um modelo pedagógico próprio a fim de criar situações pedagógicas e satisfazer necessidades de aprendizagem de jovens e adultos. Destacamos que esse modelo é baseado no princípio de educação permanente, dirigida às necessidades da sociedade moderna e na necessidade de desenvolvimento profissional, distinta da formação geral. Além disso, traz aspectos relevantes para a formação dos docentes em qualquer nível ou modalidade, tendo por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (BRASIL, 2002).

Santos e Santos (2019, p.5) enfatiza que a EJA demanda um modelo pedagógico diferenciado, logo todo processo formativo dos educadores da EJA precisa ser repensado, considerando o que está preconizado na legislação para essa clientela.

Portanto, com a crescente visibilidade que tem tido a EJA, seja na instância das práticas, seja como campo de estudos e pesquisas, ainda não existe efetiva política pública de escolha desses profissionais que atuam com esse público nos programas pesquisados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos na presente pesquisa revelam a fragilidade das práticas alfabetizadoras no processo de alfabetização de alunos jovens e adultos e especialmente quando destinadas aos programas.

Nas observações das turmas, verificamos que as atividades são planejadas sem levar em consideração o nível da turma o que acaba favorecendo o abandono e a evasão. Percebemos um grupo de alfabetizadores desmotivado, descrentes de qualquer possibilidade de um trabalho contextualizado com a concepção do programa. Observa-se a falta de um ambiente alfabetizador e uma prática pedagógica bastante tradicional, voltada para cópia de sílabas soltas.

Neste sentido, com a intenção de responder questionamentos apontados nesses estudos constatamos que as aulas dos professores alfabetizadores revelam preocupações deixando muitas vezes de contextualizar o conteúdo. Em relação aos alunos, a maior dificuldade que se percebe é o de mantê-los em sala, de forma que eles sintam prazer em estar estudando e aprendendo, pois o que percebemos durante nossas observações foram uma grande evasão inclusive no segundo semestre. Constatamos que dentre as habilidades que precisam ser desenvolvidas pelos educadores, podemos elencar como uma das mais relevantes e difíceis, a de identificar as necessidades de cada aluno e atuar com todos ao mesmo tempo. O entendimento da necessidade de diferenciação das turmas faz-se necessário, uma vez que os jovens e adultos têm uma realidade cultural e um nível de subjetividade bastante diferente em relação às crianças, sendo necessária, então, a adequação das alternativas empregadas para alfabetizar esta clientela.

Finalmente, é preciso que o professor, a partir de sua prática pedagógica reflita a necessidade de estar sempre buscando novas teorias para melhorar sua prática. Há que se ter um movimento contínuo mútuo entre prática e teoria. Contudo, a prática pedagógica docente é um processo multidimensional, pois tem caráter de dimensão humana social. Nesse sentido, para ter um papel significativo à prática do professor docente deve estar devidamente ligada ao seu objetivo anteriormente traçado.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. **Educação de jovens-adultos**: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C.; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

BAHIA. **Secretaria da Educação do Estado da Bahia**. Relatório do Programa Brasil Alfabetizado do Estado da Bahia – Programa Todos pela Alfabetização etapas 2007 a 2010. Bahia: SEC/TOPA, 2012.

BRASIL. **Proposta Curricular para educação de Jovens e Adultos**. Brasília: MEC/SEF, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 75ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 57ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2006.

Gadotti, Moacir (2011). **Desafios da formação de alfabetizadores**. En: Ramos, Marcos Fadanelli. & Roman, Artur. (orgs.). Educadores sociais: a importância da formação na implementação de tecnologias sociais. Brasília DF: Fundação Banco do Brasil, 2011.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. **Preconceito contra o analfabetismo**. São Paulo, Cortez, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MOURA, Tânia Maria de Melo. **A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos**: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky. Maceió: EDUFAL, 1999.

RIBEIRO, Antônio de Lima, **Gestão de Pessoas** – São Paulo: Saraiva 2006.

SANTOS, Jaciara de oliveira Sant´Anna; SANTOS, Marcolino Sampaio. **Educação de Jovens e Adultos**: Diálogos Pedagógicos. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2019.

SANTOS, Jaciara de Oliveira Sant´Anna; SANTOS, Marcolino Sampaio dos. **Currículo e processos formativos na EJA**. In: Anais do VI Encontro Internacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos. Anais. Salvador(BA) Universidade do Estado da Bahia, 2019. Disponível em: <<https://www.event3.com.br/anais/VIALFAeEJA/217552-CURRICULO-E-PROCESSOS-FORMATIVOS-NA-EJA>>. Acesso em: 19/10/2021 20:06

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autentica,2003.

SOARES, Magda Becker. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004. Disponível em: Acesso em: 09 jun.2021.